O RACISMO ESTRUTURAL E SEUS IMPACTOS SOBRE A SAÚDE MENTAL: UMA ANÁLISE PSICOLÓGICA NO CONTEXTO BRASILEIRO

Autor(res)

Rodrigo Pierobon Rodrigues
Nathalia Caroline De Oliveira Ventura Rezende
Andrea Da Rocha Pereira Buonomo
Luciane Melo Noronha De Araújo
Kamylle Vitória Dos Santos Machado
Alessandro Fonseca Da Silva
Carlos Roberto Fernandes Júnior
Queila Raquel Lourenço Alencar

Categoria do Trabalho

Trabalho Acadêmico

Instituição

FACULDADE ANHANGUERA

Introdução

O racismo estrutural ainda vem sendo uma das maiores dificuldades enfrentadas pelo homem, quando pensamos na construção de uma sociedade igualitária.
Não podemos esquecer que temos um histórico/marca na nossa nação brasileira, a dívida existente, diante a escravatura dos negros em nosso solo.
É certo que o combate ao racismo estrutural exige múltiplas ações coletivas, devendo ser inovadoras e transformadoras, partindo de vários níveis e de diferentes aspectos e grupos da sociedade.
O judiciário, através do nosso ordenamento jurídico, mesmo que minimamente, já tentou criar leis para a ocorrência de uma justiça racial, onde tentou ajudar e eliminar estereótipos e discriminações que existem há muito tempo.
Com o referido trabalho veremos com a pesquisa-intervenção a proposta dos pesquisadores na atuação como parte do processo de mudança, e com a pesquisa-ação a participação de um ciclo contínuo de reflexão e ação, onde a comunidade passa a se tornar protagonista de seu próprio processo de transformação, onde busca o amadurecimento e melhoria da sociedade.
Ao longo do trabalho buscaremos também refletir sobre como as metodologias aplicadas puderam ser aplicadas no enfrentamento ao racismo estrutural.
A ideia será mostrar a integração de abordagens da psicologia social e Comunitária, como possível criação de soluções mais eficazes, diante o envolvimento direto de pessoas afetadas e a promoção na construção de espaços mais justos e antirracistas.
Ao final, nosso objetivo será discutir como essas práticas podem e puderam contribuir para o fortalecimento da luta contra a desigualdade racial e construção de uma sociedade mais inclusiva e equitativa.

Objetivo

Desenvolver ações coletivas via pesquisa-intervenção para fortalecer a identidade racial em comunidades negras, promovendo diálogo, reflexão crítica e valorização da cultura afro-brasileira. O objetivo é apoiar a luta contra o racismo estrutural, incentivando resistência, empoderamento comunitário e protagonismo social por uma sociedade mais justa e igualitária.

Material e Métodos

Este estudo utilizou uma metodologia qualitativa, focando na pesquisa-intervenção e na pesquisa-ação, técnicas bastante reconhecidas no campo da Psicologia Social e Comunitária. Optou-se por essas metodologias devido ao seu potencial transformador, pois elas não se restringem a observar a realidade, mas procuram intervir diretamente nela, envolvendo as pessoas impactadas.

Na pesquisa-intervenção, os pesquisadores se integraram às comunidades negras, trabalhando de maneira colaborativa, horizontal e respeitosa. As ações foram realizadas por meio de rodas de conversa, oficinas interativas, grupos focais e observações diretas, sempre priorizando a escuta ativa e o reconhecimento do conhecimento local.

Por outro lado, a pesquisa-ação seguiu um ciclo contínuo de reflexão, planejamento e prática, em que os participantes desempenharam um papel fundamental na criação e implementação das estratégias. Nesse sentido, procurou-se incentivar o protagonismo social, reforçar a identidade racial e estimular formas coletivas de resistência ao racismo.

As atividades foram realizadas em áreas urbanas com um histórico de exclusão social, onde os impactos do racismo estrutural são mais evidentes. A escolha dos participantes foi realizada de maneira ética e voluntária, em conformidade com as orientações da Resolução n.º 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

As entrevistas semiestruturadas, oficinas educativas e observação participante foram os métodos utilizados para a coleta de dados. A análise foi realizada utilizando a técnica de análise de conteúdo temática (Bardin, 2011), o que possibilitou a identificação de categorias como identidade negra, impactos do racismo no dia a dia e estratégias de resistência coletiva.

Além de gerar conhecimento, esse método visou incentivar redes de suporte, reforçar laços comunitários e colaborar na criação de espaços mais justos e antirracistas.

Resultados e Discussão

Resultados revelam que o enfrentamento ao racismo estrutural nos levou a conhecer questões como a inferiorização dos negros, a divisão racial do trabalho como um ordamento e seu impacto na saúde do adolescente afrodescendente, segundo o livro “O que é racismo estrutural” do autor Silvio Luiz de Almeida, podemos ter uma reflexão sobre os conceitos do racismo como fundamento estruturador das relações sociais, tais como a construção da efetividade dos princípios e deveres e obrigações iguais que foi utilizada para naturalizar a inferiorização dos negros com afirmações que os mantêm subalternos ora sob justificativa de incapacidade, ora falta de vontade, outro ponto é que o racismo está institucionalizado no imaginário do povo brasileiro, porque os estudos a respeito da desigualdade racial foram utilizados para justificar a inferioridade negra, não fazendo críticas sobre a condição do negro na sociedade, qualquer negro é diretamente ligado a África sendo considerado evoluído somente a partir da miscigenação com brancos.

Outro ponto é a divisão brasileira como ordamento do racismo estrutural buscando investigar como a presença do racismo no mercado de trabalho vem sedimentando uma divisão racial do trabalho, cuja a finalidade é estabelecer condições necessárias para a exclusão e marginalização dos trabalhadores negros assalariados do mercado de trabalho determinando assim condições e materiais precários para a população negra ser inserida em postos de

trabalhos informais ou com salários insuficientes para a reprodução da vida. E ainda temos um ponto muito importante também que é o racismo estrutural e seu impacto na saúde do adolescente afrodescendente brasileiro, o Brasil é um dos países mais desiguais do mundo segundo um estudo lançado pelo World Inequality Lab divulgado em 2021, visto análise da pandemia Covid-19: 50% dos mais pobres ganham 29 vezes menos do que recebem 10% mais ricos no país.

A desigualdade no tratamento dos diversos grupos populacionais atinge homens, mulheres, e jovens de formas diferentes, considerando-se que a população jovem é crescente e a vivencia do adolescente é mais desafiadora para negros do que para brancos, tendo em vista que quando se refere à produção científica relativa à influência da saúde do adolescente afrodescendente no Brasil, ainda são incipientes os artigos publicados em periódicos tendo alguns consultados na SciELO, esta ainda é uma lacuna da literatura científica que frequentemente é ignorada pela maioria dos estudiosos e profissionais da saúde principalmente ao se tratar de adolescentes negros.

Conclusão

O racismo estrutural é um obstáculo à justiça social, presente em instituições, trabalho, saúde e educação. Seu enfrentamento exige ações coletivas, políticas públicas e protagonismo da comunidade negra. Valorizar a cultura fortalece a autoestima e combate estereótipos. É preciso repensar o mercado de trabalho, que mantém desigualdades e vulnerabilidades. O combate ao racismo é longo, mas possível, requerendo compromisso e ação para uma sociedade mais inclusiva.

Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

Nesse sentido, Guimarães (2012 GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. Classes, raças e democracia. 2.Ed. São Paulo: Editora 34, 2012. MOURA, C. Dialética Radical do Brasil Negro. 3. ed. São Paulo: Anita Garibaldi, 2020. Afirma Chancel ., 2022 CHANCEL, L. et al. World Inequality Report 2022. World Inequality Lab, 2022. OLIVEIRA, R.G. et al. Desigualdades raciais e a morte como horizonte: considerações sobre a Covid-19 e o racismo estrutural. Cadernos de Saúde Pública, v. 36, n. 9, e00150120, 2020.

FRANÇA, Danilo Silva; SANTOS, Anderson Luiz Machado dos; NASCIMENTO, Fábio Souza do. Promoção da identidade racial e atitudes intergrupais positivas: uma intervenção com estudantes. Psicologia Escolar e Educacional, v. 26, 2022. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-29702022000200006&script=sci_arttext>.

SILVA, Roselyne Kennedy; FERNANDES, Camila; BERNARDINO-COSTA, Joaze. Racismo estrutural e ocupações urbanas: experiências de resistência negra. Saúde e Sociedade, v. 32, n. 2, 2023. Disponível em: <https://www.scielosp.org/article/sausoc/2023.v32n2/e220400pt/>.

NOGUEIRA, Maria Aparecida Bento. Educação e identidade negra: reflexões sobre práticas de valorização cultural e resistência. Revista Brasileira de Educação, v. 27, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/ScJKqwcVT779N4X3SrNRGRP/?lang=pt>.

Impactos do racismo estrutural sobre a saúde de pessoas negras — Emanuelly Sousa Santiago & Simone Cristina Silva Simões. Revista São Luis Orione, 2023. Seer

“Pra nós que somos negras, tudo é mais difícil”: cartografia de uma mulher negra em sofrimento psíquico — Souza et al., Physis, 2023. SciELO Saúde Pública

O efeito das microagressões raciais de gênero na saúde mental de mulheres negras — Varela Martins, Tiago Jessé Souza de Lima & Walberto Silva Santos. Ciência & Saúde Coletiva, 2020. OUCI